

LINGUASAGEM

A RECONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM DE UM SUJEITO AFÁSICO: ESTRATÉGIAS E INTERAÇÃO

Raiane Silva SOUZA¹
Nirvana Ferraz Santos SAMPAIO²

RESUMO

O objetivo deste artigo é descrever e analisar as estratégias utilizadas por um sujeito afásico para se manter na interação, ou seja, a reorganização da sua fala quando inserido em práticas sociais de uso da linguagem. Os dados foram coletados a partir de um acompanhamento longitudinal realizado no Espaço de Convivência entre Afásicos e não-Afásicos (ECO) na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). A análise do *corpus*, a partir da Neurolinguística Discursiva e do conceito de *dado-achado* postulado por Coudry (1991/1996), nos permitiu constatar que, apesar das dificuldades linguísticas decorrentes da afasia, o sujeito utiliza recursos linguísticos tais como os procedimentos de formulação textual como um caminho para reconstruir a linguagem através de associações, retomadas da fala do interlocutor e formulações/reformulações que evidenciam a ação reflexiva do sujeito afásico quando inserido em práticas discursivas.

Palavras-chave: afasia; neurolinguística; oralidade.

ABSTRACT

The purpose of this article is to describe and analyze the strategies used by an aphasic to maintain the interaction, in other words, the reorganization of his speech when inserted in social practices of language use. Data were collected from a longitudinal accompaniment held at living space between aphasic and non-aphasic (ECO) at the Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). The corpus analysis, based on the Discursive Neurolinguistics as well as on the concept of *dado-achado*, helped us to confirm that, despite language difficulties arising from aphasia, the aphasic uses linguistic features such as textual formulation procedures as a way to rebuild the language through associations, resumption of the interlocutor's speech and formulations / reformulations that show the reflexive action of aphasic when inserted into discursive practices.

Keywords: aphasia; neurolinguistics; orality.

¹ Mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (*stricto sensu*) pela UESB. Foi bolsista FAPESB, raianes.souza@hotmail.com

² Doutora em Linguística pela UNICAMP. Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB, nirvanafs@terra.com.br

Introdução

A partir dos postulados da Neurolinguística Discursiva, objetivamos investigar o funcionamento de linguagem de um sujeito afásico, as estratégias utilizadas para se manter na interação, assim como demonstrar que em sua linguagem há expressão de subjetividade quando inserido em práticas discursivas. Para tanto, partimos dos postulados da Neurolinguística Discursiva (doravante ND) expostos por Coudry (1988, 2008, 2010, 2012 entre outros). A ND parte de uma perspectiva discursiva que toma a interlocução como ponto de partida para a prática (clínica) e análise de dados de linguagem.

No que diz respeito ao conceito de afasia, tomamos a definição de Coudry (1988) que a define como uma perturbação da linguagem em que há alteração de mecanismos linguísticos em todos os níveis, tanto interpretativo quanto produtivo, causada por lesão estrutural do sistema nervoso central em virtude de acidentes vasculares cerebrais (AVC), traumatismos crânio-encefálicos (TCE) ou tumores.

A partir de um acompanhamento longitudinal, apresentamos um estudo de caso com o sujeito afásico NS, 74 anos, que teve sua linguagem modificada após um acidente vascular cerebral isquêmico (AVCi), em dezembro de 2013. Desde então, ele apresenta dificuldades de escrita e de evocar palavras durante a enunciação, lê em voz alta realizando pausas durante a leitura e sua compreensão está inalterada. Em decorrência de sua dificuldade de encontrar palavras, na sua fala há uma alta ocorrência de repetições do que foi dito pelo interlocutor na tentativa de formular seu discurso. Nossa proposta é investigar as repetições, as correções e as hesitações como procedimentos de formulação textual que evidenciam uma alternativa e um caminho encontrado por NS para driblar suas dificuldades com a linguagem.

Em razão de estudarmos os procedimentos de formulação/reformulação textual com foco na oralidade, elencamos como referencial teórico os estudos textuais-interativos e conversacionais (MARCUSCHI, 2003; KOCH, 2002; FÁVERO et al, 1999 entre outros) que, aliados aos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva, fundamentam nossa análise do funcionamento de linguagem na afasia.

Pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva

A Neurolinguística constitui-se uma área de estudos recente no Brasil. Ela aparece como disciplina em cursos de graduação e pós-graduação na década de 80 no Instituto de Estudos da Linguagem – IEL/ UNICAMP. A orientação discursiva e a incorporação da

noção de linguagem em funcionamento nos estudos neurolinguísticos surgiu a partir da tese de doutorado “Diário de Narciso: Discurso e afasia” defendida por Maria Irma Hadler Coudry em 1986. Em 1989, surge o Centro de Convivência de Afásicos (CCA) com a proposta de acompanhamento em grupo de pessoas afásicas convivendo com não afásicas através de práticas discursivas, desenvolvido em convênio entre o Departamento de Linguística (DL) e o de Neurologia (DN). (Coudry, 2002).

Segundo Coudry (2008), a Neurolinguística Discursiva parte de uma concepção de linguagem em que aspectos cognitivos, socioculturais, linguísticos e psíquicos estão entrelaçados no processo de produção de sentido. A ND toma como hipótese a indeterminação da linguagem formulada por Franchi (1977/1992), assim como assume, a partir desse autor, o conceito de trabalho e uma concepção de linguagem historicamente constituída.

Benveniste (1970) e Jakobson (1955/1970; 1956/1975) são autores-âncora na questão da (inter)subjetividade, dos níveis de funcionamento da linguagem, e da condição unipolar da linguagem na afasia. Luria (1981) e Freud (1891/1973) são tomados pela concepção de funcionamento dinâmico e integrado de cérebro/mente (Coudry, 2002) em que a linguagem está representada em todo o cérebro – e ambos trabalham/associam – e não localizada em suas partes/centros. (COUDRY, 2008, p. 16).

São diversos os processos de significação que emergem no contexto de linguagem comprometida por lesões cerebrais, muitos deles são constituídos por sistemas não verbais como gestos, a ação de apontar, a recorrência a objetos, que aliados a linguagem verbal (fala e/ou escrita), ao interlocutor e ao contexto possibilitam a intercompreensão. Esses processos são chamados de *alternativos* em relação ao sistema da língua. Uns são previstos pelo sistema, outras são tidos como *não oficiais*, intermediários/gato (COUDRY, 2008, p. 11). Essa perspectiva se contrapõe a uma avaliação de linguagem fundamentada em tarefas descontextualizadas, metalinguísticas e que trata como “erro” os recursos alternativos utilizados pelo afásico frente a sua dificuldade (COUDRY, 1988). A partir dessas posições teóricas, leva-se em consideração que todo sujeito é um ser de linguagem, o que defendemos é que, com base nos pressupostos da Neurolinguística Discursiva, de acordo com Sampaio (2006), não se separa a língua(gem), a cultura e a sociedade.

Nessa perspectiva, então, se um grupo tem uma cultura partilhada, se as pessoas que dele participam têm nome nativo com o qual é identificado pelos membros, se no grupo há uma rede social para contato, se no grupo há folclore ou história comum, podemos dizer que esse grupo forma uma comunidade de fala. (SAMPAIO, 2008, p. 76)

De acordo com a concepção de linguagem adotada por Coudry e Possenti (2010), sabe uma língua aquele que exerce sua subjetividade pela linguagem, ou seja, constitui pessoalmente enunciações e constitui-se através dela. Para essa perspectiva, não se pode dissociar a língua do sujeito que fala, já que a língua não é dada, ela é constituída pelos interlocutores. Numa concepção sócio histórica, a linguagem é tomada como lugar de interlocução, de interação. “Quando vista como atividade, como trabalho, a linguagem, ao mesmo tempo que constitui os polos da subjetividade e da alteridade, é também constantemente modificada pelo sujeito, que sobre ela atua” (COUDRY e ABAURRE, 2008, p.173).

Novaes-Pinto e Santana (2009) salientam que desde a metade do século XX, a partir de Jakobson (1954), a Linguística vem se consolidando como uma área que contribui com a discussão sobre a semiologia das afasias, bem como para os fenômenos que relacionem a linguagem aos processos cognitivos. O caráter multidisciplinar da Neurolinguística permite que a complexidade dos fenômenos cognitivos sejam estudados por uma perspectiva que seja compatível com uma visão de cérebro híbrido e dinâmico, como na visão de Luria e Freud e Vygotsky que veremos a seguir.

O funcionamento dinâmico do sistema nervoso central

O neuropsicólogo russo Aleksandr Romanovich Luria, falecido em 1978, dedicou-se à investigação do funcionamento do sistema nervoso central. Influenciado pelos trabalhos de Pavlov e Vygotsky, adotou uma visão de cérebro funcionando como um todo em contrapartida às teorias localizacionistas. De acordo com Kagan e Saling (1997, p. 19) a abordagem de Luria consiste em “[...] uma tentativa de resolver o conflito entre a visão mecanicista da localização cerebral, que recebeu ímpeto através do trabalho de Broca (1861), e a visão integral ou holística (Flourens, 1824; Lashey, 1929)”.

Para Luria, os processos mentais humanos são sistemas funcionais complexos que não estão localizados em estreitas áreas do cérebro, mas ocorrem por meio de estruturas cerebrais funcionando em concerto. Esse funcionamento integrado do sistema nervoso permite que um indivíduo acometido de lesão cerebral reorganize as funções comprometidas através de rearranjos neurofuncionais, fenômeno conhecido como *plasticidade cerebral*. Esse ponto de vista acerca do cérebro também está presente nas teorizações de Freud sobre as afasias.

O livro de Sigmund Freud *A interpretação das afasias*, de 1891, faz parte de sua obra neurológica, embora seja geralmente tido como uma ponte entre a psicanálise e a

neurologia. De acordo com Coudry, Freire, Gomes (2006), Freud se propõe a refutar a teoria das localizações cerebrais, pensamento predominante no final do século XIX, realizando um estudo crítico das teorias neurológicas, em particular as hipóteses de Wernicke, cuja proposta consistia em defender que funções mentais superiores, como a linguagem, estavam anatomicamente determinadas. Wernicke, a partir de Meynert, postula que centros de linguagem em funcionamento são ligados por fibras brancas e *lacunas funcionais*. Esses centros são pontos no córtex cerebral em que estariam reunidas as *imagens acústicas da palavra* em um local e *as imagens do movimento da palavra* em outro, sendo que entre essas duas representações haveria uma *região desocupada*. Freud rejeita essa ideia de representação localizada em um *centro*, bem como a existência de espaços sem funções propondo que o aparelho de linguagem é composto por uma “região cortical contínua que compreende o espaço entre as terminações dos nervos óptico e acústico, das regiões dos nervos cranianos e alguns nervos periféricos no hemisfério esquerdo” (COUDRY; FREIRE; GOMES, p. 1377, 2006).

Em sua obra *A interpretação das afasia* de 1891, Freud conceitua o aparelho de linguagem como uma região contínua equipada para associações, trazendo, assim, um novo conceito para a noção de *representação* localizada em um *centro*. Os processos psíquicos e fisiológicos não possuem uma relação de causa e efeito e nem um termina onde o outro começa, cada membro da cadeia fisiológica é correlato a um fenômeno psíquico, portanto são processos paralelos. O correlato fisiológico de uma ideia não é algo estático, mas sim um *processo* que parte de um ponto do córtex e se expande até se completar deixando modificações no córtex cerebral como possibilidade de lembranças quando esse mesmo estado do córtex for estimulado posteriormente. Portanto, para Freud, não se pode diferenciar percepção e associação que são duas palavras que designam o mesmo processo, apesar de serem dissociadas em termos conceituais. Elas fazem parte de um mesmo fenômeno que inicia em um ponto do córtex e se distribui por todo ele. A partir dessa noção de funcionamento do aparelho de linguagem, a ideia de centros e vias condutoras da linguagem deixa de existir. Para ele, a unidade da função da linguagem é a palavra, uma representação complexa constituída por componentes acústicos, visuais e cinestésicos. No aprendizado da escrita, por exemplo, esses centros assumem suas funções em diferentes momentos e de forma hierárquica (primeiro o acústico-sensorial, depois o motor, então o visual e por último o gráfico), enquanto que em casos patológicos de distúrbio de linguagem o primeiro centro a ser utilizado é o que se conservou mais apto. Já, o sentido de uma palavra é determinado pela junção da representação-de-palavra e representação-de-

objeto. Para Freud (1891, [1973]), a palavra adquire sua significação a partir da associação com a representação-objeto, ao menos com relação aos substantivos. O território da linguagem é visto de forma integral não podendo ser fragmentado em centros.

As teorizações da Neurolinguística Discursiva acerca do funcionamento cerebral também são ancoradas nas formulações da teoria histórico-cultural do psicólogo bielorrusso Vygotsky (1984). Para ele, a linguagem é um processo social e pessoal, sendo que a aquisição se dá através da interação e convívio com o outro. Ele toma o estudo da fala e pensamento prático sob um mesmo ponto de vista. As experiências do sujeito com o outro e com o meio permitem que certas regiões cerebrais substituam as funções de regiões afetadas por lesões cerebrais. Nesse sentido, as intervenções são realizadas de forma que o pesquisador desempenhe o papel de mediador no processo de reconstrução da linguagem do sujeito afásico. Essa interação entre pesquisador e sujeito afásico em meio às práticas de linguagem discursivamente orientadas possibilita a emergência de estratégias de construção da conversação para “driblar” as dificuldades linguísticas decorrentes da lesão cerebral. A seguir, discutiremos acerca desses procedimentos de formulação do texto falado.

Procedimentos de formulação textual na conversação

A partir de Antos (1982), Fávero *et al* (1999) afirmam que formular um texto não é apenas planejá-lo, mas também realizá-lo, é um processo intencional que se manifesta através de traços na conversação que funcionam como pistas para que o interlocutor atinja a compreensão. A reformulação é um fenômeno constitutivo da oralidade caracterizado pela retomada e reelaboração de um enunciado anterior a fim de garantir a compreensão das intenções dos locutores e interlocutores em meio a uma conversação. As paráfrases, as correções e/ou reparos e alguns tipos de repetição são alguns dos procedimentos pelos quais a reformulação textual se evidencia.

Desse modo, no processo de produção do texto falado é preciso ação e interação. Para os autores, as atividades de formulação surgem em contextos de “problemas” de processamento e linearização decorrentes de “problemas” de formulação que precisam ser resolvidos. Uma dessas atividades são as hesitações que ocorrem “quando o ‘problema’ é captado durante sua formulação/ linearização, isto é, *on line*, caracterizando-se por seu aspecto prospectivo, já que tem como escopo algo que vem depois” (FÁVERO *et al* 1999, p. 56). Seguindo essa mesma corrente, Marcuschi (1986) salienta que as hesitações,

também chamadas pausas preenchidas, servem como momentos de organização e planejamento interno do turno conversacional que em alguns momentos funcionam para o ouvinte até mesmo como um pedido de socorro.

Dentre as atividades de formulação, Fávero *et al* (1999) ainda ressaltam as correções, alguns tipos de paráfrases e repetições que ocorrem “quando o ‘problema’ é captado após sua formulação, isto é, ele é textualmente manifestado e dá-se, então, uma reformulação (re + formulare = formular de novo). Estas reformulações apresentam um aspecto retrospectivo, tendo como escopo um elemento anterior” (FÁVERO *et al* 1999, p. 56). Com relação às correções e reparações, Marcuschi (1986) salienta a alta recorrência desses fenômenos na oralidade dizendo que, diferentemente do que ocorre na escrita cujo texto é passível de edição até sua versão final, na conversação o tempo é real e todas as ações são definitivas.

Aspectos Metodológicos

A metodologia da pesquisa³ é baseada no conceito de *dado-achado* exposto por Coudry e a partir de um acompanhamento longitudinal com um sujeito afásico. A coleta de dados é realizada por meio de cadernos de registro de anotações e transcrições de gravações em áudio desses acompanhamentos realizados semanalmente (individualmente) e quinzenalmente (em grupo) no ECOA.

O conceito de *dado-achado* se situa no interior do conjunto de teorias e práticas da ND e a partir dele baseamos nossa prática de linguagem com o sujeito afásico. O *dado-achado* postulado por Coudry (1991/1996) é definido como “produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento longitudinal de processos linguístico-cognitivos” (COUDRY, 2008, p. 22-23). Os dados-achados se constituem como pistas para que o investigador possa decifrar a maneira pela qual o sujeito afásico reconstrói sua linguagem quando está envolvido em práticas discursivas, convivendo com sujeitos não afásicos e afásicos.

O sujeito afásico NS, sujeito da pesquisa, tinha 74 anos quando foi internado com quadro de AVC isquêmico de artéria cerebral média esquerda em dezembro de 2013. Ao

³ Segundo a resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa que envolve seres humanos necessita de registro na Plataforma Brasil que é uma base nacional de registros de pesquisas para todo o sistema CEP/CONEP. O sujeito participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido afirmando estar ciente e autorizando as gravações em áudio durante o acompanhamento. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB - CAAE: 31945114.8.0000.0055).

relacionar a impressão diagnóstica da ressonância magnética e da tomografia computadorizada com a classificação das afasias de Luria, pode-se constatar que NS apresenta um quadro de afasia dinâmica que resulta de lesões na parte anterior do lóbulo frontal esquerdo até a área pré-motora (unidade III, zona terciária), cujo problema primário seria o impulso da fala. A partir do acompanhamento longitudinal de maio de 2014 até dezembro de 2015, observamos que NS apresentou dificuldades de escrita e evocação verbal. NS lê em voz alta realizando pausas durante a leitura e sua compreensão está inalterada. Apesar de sua dificuldade em selecionar itens linguísticos, ele não apresentou dificuldades significativas em combinar palavras dentro de uma sentença. Em decorrência de sua dificuldade de encontrar palavras, NS se apoia na fala de seu interlocutor através de repetições de palavras e frases do que foi enunciado. A repetição de NS é tomada nesse trabalho como uma atividade de formulação textual. Nossa proposta é trazer a repetição, a correção, entre outros mecanismos de formulação/reformulação textual como uma estratégia de reconstrução da linguagem, e não apenas como indicador de um *déficit* linguístico. Ressaltamos aqui que NS exercia a profissão de pastor em uma igreja batista o que direcionou as nossas atividades individuais em sua grande maioria com esse sujeito, como veremos na descrição do acompanhamento longitudinal.

Análise e discussão dos dados

O sujeito afásico NS começou a participar dos encontros no ECOA a partir de maio de 2014, intercalando entre encontros individuais com pesquisadores e em grupo com afásicos e não afásicos. Os dados apresentados neste trabalho foram coletados em abril e setembro de 2015. Para a realização das transcrições dos textos orais utilizamos as normas do Banco de Dados em Neurolinguística (BND)⁴ produzido por Coudry, bem como as normas do Projeto Norma Urbana Culta (NURC)⁵. Os investigadores estão identificados pelas siglas Ins e Irs e o sujeito afásico como NS.

Dado 1: Ouvir a música

Contexto: a partir da convivência com NS no ECOA, a investigadora constatou que uma de suas canções favoritas é a música intitulada “Vem cear”. Assim, foi proposto nesse

⁴ O Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) é formado por um sistema de notação e codificação que representa a dinâmica da atividade verbal e não verbal vivenciada no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) que funciona no Instituto de Ensino da Linguagem (IEL).

⁵ O Projeto da Norma Urbana Linguística Culta foi criado em 1969 com o objetivo de documentar a norma falada culta de cinco capitais brasileiras. Os dados vêm sendo utilizados para elaboração de trabalhos acadêmicos, entre eles está o Projeto de Gramática do Português Falado (Castilho 1990).

acompanhamento, realizado em 17/04/2015, a escuta da música para que fosse feita uma reflexão acerca da letra.

urno	Sigla do locutor	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais
	NS	ah...e:u: (15s) uve...	Após o término da música, NS começa a falar.	
	Irs	youê ouviu?		
	NS	eu ouviu		
	Irs	eu ouvi ...		
	NS	eu ouvi		
	Irs	Isso		
		já ouviu...né... não ta lembrando onde né... mas lembra que ouviu em algum lugar... você lembra também de ter ouvido na igreja, é isso?		
	NS	hum...		
	Irs	Você já ouviu aqui... agente já tocou ela antes... também ouviu na igreja?		
0	NS	ouvi na:...		
1	Irs	ouviu onde?		
2	NS	ouvi da igreja		
3	Irs	hum... bom, esse hino fala sobre a?...ceia...tudo isso tem uma simbologia né... quando agente come o pão na ceia... a gente tá querendo representar o?...corpo de....		
4	NS	Cristo		

5	Irs	isso...muito bem... e o vinho?...cê lembra o que que representa? representa o san....		
6	NS	gue: sangue		
7	Irs	i:sso..... representa o sangue, tá vendo...tá lembrando		

Quadro 1: Trechos da sessão de 17/04/2015

Após escutar a música, NS se dirige à investigadora e fala “ah...e:u:... uve...” no turno 1. Pelo fato de já terem escutado a música anteriormente, Irs hipotetiza que NS queria falar que já ouviu a música. A investigadora então pergunta “você ouviu?”. NS toma o turno e responde: “eu ouviu”, mostrando que era o que ele pretendia falar ao retomar o verbo “ouvir” (apesar de conjugá-lo na terceira pessoa) dito pela interlocutora e inserir o pronome “eu” na sua fala. A investigadora então diz “eu ouvi” (turno 4) na intenção de que NS reformule sua fala pelo fato de ter dito “uve” e ouviu” nos turnos anteriores. NS compreende a necessidade de reformulação de seu enunciado e diz “eu ouvi” no turno 5 realizando, assim, uma autocorreção hetero-iniciada de aspecto fonético-fonológico (uve) e morfossintático (ouviu). Assim, podemos constatar que os procedimentos de formulação do texto falado podem funcionar como um *processo intermediário* (ABAURRE; COUDRY, 2008) cuja função é de reconstruir a linguagem de sujeitos afásicos.

Em seguida, a investigadora pergunta NS acerca da simbologia do pão e vinho contida na música. No turno 14, NS responde “Cristo” e no turno 16 fala “gue: sangue” a partir do *prompting* “san” dito por Irs. Para Freud, não se pode diferenciar *percepção* e *associação* que são duas palavras que designam o mesmo processo. Propor uma atividade relacionada à história de vida do sujeito abriu espaço para a expressão da subjetividade do afásico. Essa percepção adquirida através da atividade possibilitou a NS a realização de associações com lembranças anteriormente vivenciadas, ao mesmo tempo em que evidenciou a sua capacidade de compreensão e realização de metáforas.

Dado 2: Vida e natureza

Contexto: após assistir a um vídeo, na sessão de 25/09/2015, sobre os danos que o homem tem causado a natureza, a investigadora começa a comentar com NS sobre a temática do vídeo.

Turno	Sigla	Transcrição	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção verbais	Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais
1	Irs	Essa parte aqui oh...mostra o que.... ele destruindo a natureza pra construir...prédio... toda a questão do dinheiro...por causa do dinheiro... o que que você acha disso?		A investigadora aponta para o vídeo.
2	NS	ah...éh...liso...disso		
3	Irs	por causa do dinheiro		
4	NS	era...era		
5	Irs	por causa do dinheiro o homem...destruiu a?		
6	NS	eh... a vida		
7	Irs	isso... por causa do dinheiro o homem destruiu a vida... e destruiu mais o que além da vida?		
8	NS	a... vida... a vida era... destruiu		
9	Irs	destruiu a vida e também... a natureza		
10	NS	vida (5s) a no... no...no...natureza...eh...era		
11	Irs	a natureza era... antes do homem destruir a natureza... o que que a natureza era?...		

		cheia de vida né...		
12	NS	cheio... de vida...		
13	Irs	isso.. a natureza era cheia de vida		
14	NS	de vida... era cheio de vida...era cheio de vida...		
15	Irs	isso... a natureza era cheia de vida né...muitos animais		
16	NS	era cheio... era...ham..cheio de vidas		

Quadro 2: Trechos da sessão de 25/09/2015

As hesitações de NS (no turno 2, ah...éh...lisso...disso) demonstram sua tentativa de responder a pergunta realizada pela investigadora. Na tentativa de continuar seu turno, ele retoma o item linguístico “disso” dito anteriormente pela investigadora. Mesmo não conseguindo responder a pergunta, esse dado nos mostra que NS está consciente do processo da dinâmica da fala ao compreender que a investigadora realizou uma pergunta e em seguida tomar o turno conversacional. NS realiza uma autocorreção auto-iniciada ao evocar “lisso” e depois de uma breve pausa realizar “disso”, mostrando assim, que está refletindo sobre sua própria linguagem.

No turno 5, ao realizar a pergunta “por causa do dinheiro o homem...destruiu a?”, a investigadora esperava como resposta “a natureza”, pois era a palavra até então utilizada para se referir a temática do vídeo. NS então responde “eh... a vida”. Isso mostra que NS associou a temática “natureza” com “vida”, evidenciando sua percepção acerca do que está sendo proposto pela investigadora. Assim, podemos inferir que, selecionar uma palavra (vida) que pertencente ao mesmo campo semântico de “natureza” para esse contexto constitui-se uma estratégia de NS pelo fato da palavra “vida” ter um sentido mais amplo, visto que natureza também é vida. Além disso, NS aliou sua percepção e associou a uma palavra com significado semelhante para esse contexto, aliando percepção e associação que para Freud são dois termos indissociáveis que descrevem diferentes aspectos de um mesmo processo.

No turno 16, NS repete “era cheio... era...ham..cheio de vidas” a partir da interação e do que foi dito pela investigadora. Chamamos atenção para o fato de NS reformular a palavra “vidas”, no plural, a partir da palavra “vida” dita pela interlocutora

mostrando, assim, que ele não está repetindo aleatoriamente, mas utiliza o enunciado de seu interlocutor para formular sua fala. A repetição de um item ocorre para dar continuidade ao tópico discursivo em desenvolvimento, evidenciando o processo de construção coletiva dos interlocutores. Dessa forma, NS se apropria dos procedimentos de formulação como estratégia de reconstrução da sua linguagem.

Considerações finais

A partir dos postulados da Neurolinguística Discursiva, buscamos evidenciar que apesar das dificuldades linguísticas decorrentes de uma lesão cerebral, o sujeito afásico dispõe de alternativas de linguagem e novos caminhos para interagir.

Os procedimentos de formulação textual emergiram como estratégias e desempenharam uma importante função no processo de reconstrução da linguagem do sujeito afásico, visto que é uma atividade interativa e colaborativa. As correções, as hesitações e as repetições são fenômenos típicos da oralidade e exercem um importante papel no processo de construção do texto falado. Para NS, esses procedimentos se mostraram como um dos principais recursos de elaboração das etapas de construção de sua fala. Os dados mostraram que o sujeito afásico reconstrói a sua linguagem através do estabelecimento de enlaces (Luria 1987) e associações (Freud 1891 [1973]) que geram novas formas de produção do discurso, possibilitando que a interação seja estabelecida.

A partir de Vygotsky (1989), tomamos o investigador como mediador para a construção da significação na interação. As intervenções realizadas pelos pesquisadores através das atividades realizadas no ECOA possibilitaram a inserção do sujeito nas mais variadas práticas sociais de uso da linguagem, bem como viabilizou ao afásico o exercício de sua subjetividade pela linguagem na medida em que ele constrói enunciações e constitui-se através delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; COUDRY, M.I. H. Em torno de sujeitos e de olhares. **Estudos da Língua (gem)**. Vitória da Conquista, v. 6, n.2, p. 171-191, 2008.

ANTOS, G. **Grundlagen einer Theorie des Formulierens**. Tübingen, Max Niemeyer, 1982.

BARROS, D. L. P. de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 4ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

BENVENISTE, E. **Problemas de Lingüística Geral**, v. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. O que é dado em neurolinguística. In: **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

_____. Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolinguística. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 42, p. 99-130, 2002.

Coudry, M.I.H.; Freire, F.M.P.; Gomes, T.M. Sem falar, escrever e ainda sujeito da linguagem. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 35, p. 1375- 1384, 2006.

COUDRY, M. I. H. Neurolinguística Discursiva: afasia como tradução. **Estudos da Língua (gem)**, Vitória da Conquista, v. 6, n.2, p. 7-36, 2008.

COUDRY, M. I. H.; et al. (Orgs.). **Caminhos da neurolinguística discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. Campinas: Mercado de Letras, 2010.

_____. Maria Irma; FREIRE, Fernanda. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). In: COUDRY, M. I. H. et al. (Orgs.). **Caminhos da Neurolinguística Discursiva: teorização e práticas com a linguagem**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

_____. 10 anos de Neurolingüística no IEL. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas. n. 32, p. 09- 24, 1997.

FÁVERO, L., ANDRADE, M. L. & AQUINO, Z. Correção no texto falado: tipos, funções e marcas. In: NEVES, M. H de M. M., (Org.) **Gramática do Português Falado**, v. 7, 53-76. São Paulo: FAPESP/Humanitas, 1999.

_____. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 22, p. 9-39. 1992 [1977].

FREUD, S. (1891) **A interpretação das afasias**. Tradução de Ramón Alcalde. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1973.

KAGAN, A.; SALING, M.M. **Uma Introdução à Afasiologia de Luria** – Teoria e Aplicação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

JAKOBSON, R. **Lingüística e Comunicação**. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1999 [1954].

LURIA, A.R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. São Paulo: EDUSP, 1974 [1949].

LURIA, A.R. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, L. A Gêneros textuais, definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. 2a ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

_____. Repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do português falado-Desenvolvimentos**. 2 ed.rev. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002, p. 105-141. (Série Gramática do Português Falado, volume VI).

MORATO, E. Neurolinguística. In: **Introdução à Linguística II: domínios e fronteiras**, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. (In)determinação e subjetividade na linguagem de afásicos: a inclinação anti-referenciada dos processos enunciativos. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, v. 41, p. 55-74, 2001.

NOVAES-PINTO, R. C.; SANTANA, A. P. O. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, p. 413-421, 2009.

NOVAES-PINTO, R. do C. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. **Letras de Hoje**, Porto Alegre: v. 47, n. 1, p. 55-64, 2012.

SAMPAIO, N. F. S. **Uma abordagem sociolinguística da afasia**: O Centro de Convivência de Afásicos (Unicamp) como uma comunidade de fala. 2002. 175 f. Tese (Doutorado em Linguística) -Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

_____. O centro de convivência de afásicos em foco. **Estudos da Língua (gem)**, Vitória da Conquista, v.6, n.2, p. 67-96, 2008.

SCARPA, Ester Mirian: Aquisição da Linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. [1934].

_____. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Como referenciar este artigo:

SOUZA, Raiane Silva; SAMPAIO, Nirvana Ferraz. A reconstrução da linguagem de um sujeito afásico: estratégias e interação. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.30, n.1, p. 84-99, jan./jun. 2019. ISSN: 1983-6988.

Submetido em: 23/04/2018.

Aprovado em: 15/05/2018.